

Negociação da dívida volta a debate esta semana

Pastore e Galvêas reiniciam contatos, deixando caminho aberto para quando Tancredo assumir

A renegociação plurianual da dívida externa brasileira começa a ganhar novos contornos esta semana: O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, volta a discutir os termos do acordo tradicional com os banqueiros, enquanto são mantidos entendimentos do ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, a nível de governo, com o Clube de Paris. Além disso, o presidente eleito, Tancredo Neves, começa a introduzir os ingredientes políticos na rolagem dos compromissos externos do País. Segundo técnicos do Banco Central, Galvêas e Pastore devem fechar os contratos de renegociação da dívida até 15 de março, para que Tancredo assuma o governo com uma preocupação a menos.

Dentro da renegociação tradicional, **spread** - taxa de risco - e prazos dominam as conversações entre o presidente do Banco Central e o comitê de assessoramento dos bancos credores, sem discutir as questões de caráter político ou até mesmo os crônicos problemas internos do País, como o déficit público, inflação ou crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

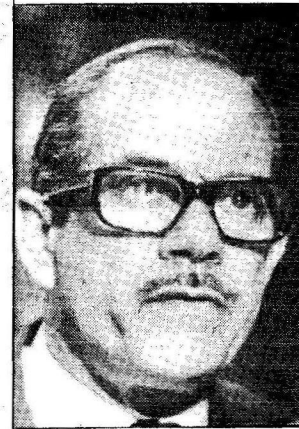
Por isso, o vice-presidente do Banco de Montreal e chefe do subcomitê de economia do comitê de assessoramento, Douglas Sme, veio a Brasília, na última quinta-feira, para checar o comportamento favorável das contas externas brasileiras e só coletou dados junto ao departamento de operações internacionais do Banco Cen-

tral. Ao contrário das visitas anteriores, Sme não procurou o departamento econômico do BC para examinar os indicadores internos da economia do País.

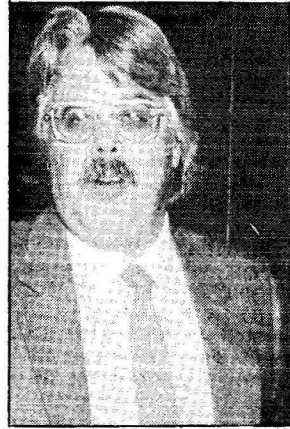
Hoje, Pastore discute com Galvêas e o ministro do Planejamento, Delfim Netto, as novas propostas brasileiras para chegar ao acordo com os banqueiros, em Nova Iorque, após o comitê de assessoramento rejeitar a redução do **spread** para 0,875% ao ano e o Brasil considerar muito elevada a contraproposta de 1,25% a 1,375%. A noite, o presidente do Banco Central segue para os Estados Unidos.

Amanhã, será a vez do ministro da Fazenda seguir para a França, onde deverá apresentar aos países credores do Clube de Paris os mesmos termos apresentados por Pastore para a renegociação da dívida junto aos bancos privados. Galvêas manterá apenas encontro preliminar, inclusive para analisar a operacionalização da renegociação global acertada em novembro de 1983 e traçar os rumos da rolagem plurianual da dívida a vencer entre este ano e 1990, assumida com organismos oficiais dos países membros do Clube de Paris.

Tancredo voltará a centralizar as atenções dos credores, na próxima sexta-feira, quando conversará em Washington com o presidente norte-americano, Ronald Reagan, enquanto Galvêas estará falando sobre a economia brasileira na cidade suíça de Davos e Pastore



Ernane Galvêas



Affonso Pastore

ainda estará às voltas com o comitê de assessoramento dos bancos.

Para a fonte do Banco Central, talvez, Pastore ainda não consiga, nesta viagem, ao contrário do que espera o presidente do BC, chegar ao acordo final com os banqueiros, em razão dos aspectos complexos que envolvem a renegociação plurianual da dívida externa bruta de US\$ 100,23 bilhões, ao final de 1984. Mas a fonte observou que a própria equipe da assessoria econômica de Tancredo deve torcer para que a renegociação com os bancos privados seja concluída ainda no atual governo.

Contratos assinados não significarão a imposição de amarras ao próximo governo, ressaltou o técnico do Banco Central. Em sua opinião, o respaldo popular do presidente eleito dá condições para o novo governo negociar, sempre que considerar necessário um novo ajuste nos acordos com os

credores. A fonte lembrou que Tancredo assumirá com reservas prontas de mais de US\$ 7 bilhões, todos os compromissos em dia, déficit em corrente anual reduzido para apenas US\$ 500 milhões e balança comercial ajustada pelo crescimento das exportações, o que dará ao seu governo poder de barganha suficiente para fazer valer o cacife político e, até com o apoio mais claro de outros países devedores, obter concessões adicionais dos banqueiros.

Segundo a fonte, não há objeção dos banqueiros a qualquer dos favoritos a ocupar o cargo de ministro da Fazenda no novo governo: Francisco Neves Dornelles e Olavo Setúbal. O banqueiro paulista leva a vantagem de ser do ramo, mas o técnico do Banco Central disse que Dornelles também pode escolher um presidente do BC que seja, na visão da fonte, tão bom negociador como Pastore.